

Educação popular na formação da cadeia da apicultura

Paulo Roberto Palhano Silva
Rede Abelha

1. Introdução

Rede Abelha é uma iniciativa gerada na região no Nordeste do Brasil. Trata-se de uma Rede que junta grupos de produção informais, associações, cooperativas e ong[s que atuam na cadeia da criação de abelhas, na apicultura e meliponicultura.

A Rede Abelha vem definindo-se por ser uma alternativa produtiva, ecológica, justa e solidária, construída em 1987, sendo filiada ao Fórum Brasileiro de Economia Solidária.

A Rede Abelha tem desenvolvido muitas ações visando preservação de espécies de abelhas que estão em extinção, campanhas de arborização contra a desertificação, produção de mudas, e especialmente, articulado a produção de mel e outros produtos.

A iniciativa que vamos relatar diz respeito a forma de como vem sendo realizado a produção de material didático articulado com a formação de novos educadores populares, afirmando assim, que outro caminho acontece.

2. A educação popular

Nossa abertura é para o mundo. Queremos que as práticas educativas da Rede Abelha NE e de suas filiadas sejam um instrumento da **FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM REDE para a liberdade. Somos Rede. Nos formamos em rede. E para tal, compreendemos que a educação popular constitui-se em elemento fundamental, especialmente, a aplicação da dialogicidade freireana.**

Em 2005, a Rede Abelha firmou convenio com o Governo Federal do Brasil, no intuito de “desenvolver metodologias de qualificação social e profissional visando à formação de apicultores e educadores em rede, com a sistematização e publicação de material educativo, contemplando a difusão metodologias na aplicação de tecnologias apícolas e melíponas, como material didático-educativo, tendo por base as matrizes referências do Proesq/PEQ, buscando o aprendizado em produção orgânica, com sustentabilidade social, solidária e econômica solidária”. Assim, o texto quer refletir a prática educativa ocorrida antes e durante essa capacitação, que resultou não apenas na formação de educadores, mas especialmente, em vários materiais didáticos que foram sistematizados e validados no processo de formação educacional da Rede Abelha Ne.

As primeiras atividades desse projeto visam à **FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM REDE** e em seguida à **FORMAÇÃO DE APICULTORES EM REDE**. A idéia central é realizar um conjunto de práticas educativas, por meio de cursos para a formação dos educadores e apicultores, que integram a Rede Abelha, assumindo a perspectiva de serem para sistematizados e passem por processo de validação, construindo assim, uma metodologia para formação e elaboração de materiais didáticos.

Nessa trajetória da Rede Abelha e do Grupo Colméias muitas práticas educativas foram vivenciadas, assim como muitas maneiras de produzir, de organizar, de comercializar, de

compreender a realidade ... Nessas atividades de FORMAÇÃO EM REDE buscar-se-á vivenciá-las, especialmente procurando compreender as suas metodologias que conseguiram torná-las elementos significativos sistematizados, aplicados e conhecidos. Assume assim a idéia de serem conhecidos a sua validação e para tal requer também que sejamos capazes de verificar a sua experimentação. Nessa caminhada emergirá com certeza novas maneiras metodológicas para a FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM REDE.

A educação popular constitui-se como eixo fundamental na geração de material didático e na formação de educadores.

3. As carências forjando novos passos

Sabemos que a Rede Abelha instalada no Nordeste carece de:

- a) **metodologia de formação de formadores, educadores apícolas**, vinculada a agricultura familiar, visando promover a elevação do capital humano, cultural e social na cadeia da apicultura e meliponicultura;
- b) **metodologias apropriadas ao desenvolvimento da apicultura racional e meliponicultura, potencializando os recursos da criação de abelhas do gênero apis e do gênero melíponas**;
- c) **metodologias que visem melhorar os índices de produtividade**, melhorar o padrão de condições de produção para otimizar os investimentos;
- d) **metodológicas que teste o material didático já apropriado à cultura produtiva vivenciada pelo povo nordestino**;
- e) **metodologias de utilização de equipamentos que viabilizem mudanças no padrão de conservação dos equipamentos – colméias – objetivando a ampliação do tempo de uso e redução de custos.**

Por enfrentar as carências, analisá-las, foi possível definir proposições visando alcançar o processo de formação a partir das experiências acumuladas em sua história.

4. Conjunto de eixos temáticos: marcando o rumo da formação

Frente aos desafios e diante das condições financeiras disponíveis, optou-se por realizar uma formação dos educandos a partir de um conjunto de eixos que se constituem no corpo teórico-metodológicos, articulados entre si. A seguir explicitaremos cada eixo:

4.1. Primeiro eixo: um conjunto temático articulado a partir do real da Rede.

A Rede Abelha e suas filiadas vêm expressando a necessidade de formar educadores. Essa formação passa necessariamente por um conjunto temático. O conjunto temático foi eleito a partir da vivência dos integrantes da rede, mas privilegiando o ato do fazer dialógico, do fazer a partir do real. Do real sentido, do real que precisa de norteamento para potencializar a ação e avançar enquanto alternativa produtiva, ecológica, justa e solidária.

Para visualizar melhor, trazemos o conjunto temático do projeto:

- 1ª) “Metodologia para implantação de mapa floral”, onde foram dialogados sobre os instrumentos metodológicos educativos que possibilitam a compreensão sobre flora apícola no nordeste do Brasil¹;

¹ Seminário Metodologia de Mapa Floral. Natal, Casa do Professor - Natal – RN, de 16 a 19 de fevereiro/2005.

2ª) “Metodologia para implantação de apiários”, onde os educandos tiveram a oportunidade de apreender metodologias visando à instalação de apiário, à extração de pólen, própolis e mel orgânico²;

3ª) “Metodologia para implantação de abelhas melíponas”, na qual os educandos estudaram o gênero meliponini, as espécies de abelhas melíponas³;

4ª) Metodologia de bebedouro e sistema de alimentação, visando dialogar sobre as formas de recipientes que propiciem beber água e formas de alimentação, especialmente aproveitando as potencialidades locais;

5ª) Metodologia de intercâmbios, visando dotar os grupos de instrumentos que viabilizem a visita entre grupos para observação e troca de informação junto aos demais sujeitos interessados na mesma problemática;

Embora cada evento tivesse uma temática central, expressa acima, outros temas foram introduzidos na programação, como: a) O papel do educador que atua em Rede; b) Somos rede abelha; c) Reconhecimento da Mata Atlântica; d) o papel de um Centro de Pesquisas voltado à ecologia; e) A sistemática da Flora; g) Método do Estudo da Realidade; g) Reconhecimento da flora de mangue; h) a representação social da simbologia; i) O educador e as abelhas.

Observou-se que: a) ao inter cruzar os temas centrais com temas específicos houve perfeita harmonia temática. O conhecimento não se separa, se classifica e utiliza-se da pedagogia para promover suas interações, propiciando a formação mais integral do educando; b) a programação desse processo de formação focalizou ações de caráter teórico e prático, visando a apropriação de uma metodologia que garanta a formação em rede, bem como, uma formação que seja vivenciada a partir da vida cotidiana e da apropriação dos instrumentos técnicos visando ao conhecimento científico e a realidade.

4.2. Segundo eixo: A formação privilegiará a construção do conhecimento em rede.

Existem muitas maneiras de realizar um processo formativo. No caso específico, a partir da condição social dos participantes, resolveu-se pela vivência da pedagogia da alternância. O que vem a ser essa pedagogia? Vamos esclarecer como fizemos: as atividades foram desenvolvidas a partir de aulas presenciais e aulas não presenciais. As presenciais são aulas teóricas marcadas pelo diálogo, na sala de aula da escola ou realizada no campo, onde educandos e educadores são chamados a estudar a temática de forma teórica. As não presenciais acontecem fora do ambiente da escola, ou melhor, são aulas sem a presença ativa do educador. Nessas, os educandos aplicam seus conhecimentos, os conteúdos e métodos de ensino em suas comunidades.

Esse processo visa operar nos sujeitos envolvidos a formação de uma base teórica e prática, dotá-los portanto de uma metodologia para que sejam capazes de interagir com a realidade, construindo uma visão de mundo. É a vivência da práxis, onde os sujeitos aprendem dialogando com o cotidiano. Assim, faz-se necessário uma maneira pedagógica que articule instrumentos didáticos e princípios, ou seja, uma base pedagógica para formar o educador libertador.

² Seminário Metodologia para implantação de Apiário. João Câmara – RN, Sede da Associação **Norteriograndense de Apicultura – João Câmara – RN, de 16 a 19 de fevereiro/2005**

³ **Seminário Metodologia para implantação de meliponiário. Lagoa Salgada - RN, Escola Cajueiro, de 16 a 19 de fevereiro/2005.**

4.3. Terceiro eixo: A base pedagógica para formar o educador libertador.

A pedagogia desenvolvida pelo querido mestre Paulo Freire é apropriada para os exercícios em rede, por ser marcada pelo diálogo. Sabe-se que o diálogo é base para a compreensão do mundo, seja realizada de forma coletiva ou individual. Essa pedagogia visa à construção do educador libertador. Nesse sentido, Paulo Freire lança a teoria dialógica que é marcada por quatro momentos: ‘co-laboração’, ‘a organização’, ‘unir para libertar’ e ‘síntese cultural’. A seguir apresentaremos como esses aspectos estão ou como podem se fazer presentes no cotidiano da Rede Abelha:

a) **Na co-laboração** a relação entre os sujeitos visa superar a dominação. Os sujeitos se encontram para a transformação do mundo. Do contrário, teríamos um eu antidualógico, dominador, que transforma o tu dominado, conquistado, num mero “isto”. A rede reúne e une. Nessa perspectiva da libertação, “não há, portanto (...) um sujeito que domina pela conquista e um objeto dominado. Em lugar disso, há sujeitos que se encontram para a pronúncia do mundo, para a sua transformação” (SILVA, 2005, p. 166). Para levar a massa a ultrapassar as condições de dominação e ir para a ação faz-se necessário utilizar a “a problematização de sua própria opressão, que se implica sempre uma forma qualquer de ação, que elas poderão fazê-lo”. Essa problematização é conduzida pelo educador numa atitude de comunicação. O diálogo tem a função de promover a adesão às idéias revolucionárias. Como é fundada na co-laboração, na teoria dialógica não há lugar para a conquista das massas aos ideais revolucionários, mas para a sua adesão. Explica Freire: “não significa isto que a teoria da ação dialógica conduza ao nada. Como também não significa deixar de ter o dialógico uma consciência clara do que quer, dos objetivos com os quais se comprometeu” (2005, p. 166). Freire manifesta que o fundamental é o estabelecimento do ‘diálogo’ para que exista a adesão visando à libertação. Vejamos:

A liderança revolucionária, comprometida com as massas oprimidas, tem um compromisso com a liberdade. E, precisamente porque o seu compromisso é com as massas oprimidas, para que se libertem, não pode pretender conquistá-las, mas conseguir sua adesão para a libertação (p. 166 - 67).

Essa é a primeira premissa básica para o educador da Rede Abelha. A Rede precisa crescer, mas crescer com qualidade, com sustentabilidade. Para tal, faz-se necessário que o educador possa dialogar com seus pares [apicultor@s](#) e [meliponicultor@s](#), mas também com aqueles que participam de outras organizações da cadeia apícola e que não fazem parte da Rede, bem como, com aqueles que são meleiros. Os meleiros não são inimigos da Rede Abelha, pelo contrario, devem ser conduzidos por um ato pedagógico que possibilite a sua inclusão como um sujeito ecológico na Rede Abelha. Ou seja, a partir de sua “nova” formação passe a preservar as abelhas e o meio ambiente, inclusive passando a criar abelhas de forma racional. O inimigo da Rede Abelha é aquele que, como dominador, elabora a dominação, sugando do dominado toda a sua energia e fabricando nele a mente do dominador. Daí observar que alguns proprietários de entrepostos não defenderem a capacitação ecológica e cidadã.

Quando um sujeito começa a participa da Rede Abelha sabendo o que está fazendo, quais seus deveres, quais seus compromissos com o meio ambiente,..., então temos a consciência livre revelando a adesão verdadeira ao projeto da Rede Abelha. Para Freire isso ocorre quando há “o desvelamento do mundo e de si mesmo, na práxis autêntica que possibilita às massas populares a sua adesão”. (SILVA, 2004, p. 168). Esse momento é profundamente marcado pelo estabelecimento da **confiança** fazendo com que não haja um “eu” e um “tu”, mas a formação de “dois tu que se fazem dois eu”, como mencionou Freire

Essa adesão coincide com a confiança que as massas populares começam a ter em si mesmas e na liderança revolucionária, quando percebem a sua dedicação, a sua autenticidade na defesa da libertação

dos homens. A confiança das massas na liderança implica a confiança que esta tenha nelas”(p. 166).

Na Rede Abelha podemos dizer da existência da vivência da co-laboração quando se promover o diálogo entre iguais acerca do seu mundo cruel do latifúndio, da ausência das políticas públicas, da marginalização, do analfabetismo. De forma especial tem-se feito a reflexão no coletivo, estimulando seus filiados para vivência da sociabilidade, para o agir coletivo na busca da superação da dominação. Ao se estabelecer como liderança libertadora de milhares da Rede Abelha, a rede coloca em pauta as situações de opressões que estavam banalizadas (viver sem terra, viver sem direitos sociais, viver sem representatividade, viver sem produzir,...); passando assim a ser algo familiar, pois todos são congregados no subcampo ecológico da cadeia da apicultura e meliponicultura.

b) No ‘Unir para a libertação’ constitui-se enquanto eixo norteador da teoria dialógica da ação, visto que, ao contrário da antidialógica, a liderança nesta ótica realiza um esforço para concretizar a união dos oprimidos entre si. A essência da ação dialógica é o estabelecimento, é a manutenção da dominação.

A própria situação concreta de opressão, ao dualizar o eu do oprimido, ao fazê-lo ambíguo, emocionalmente instável, temeroso da liberdade, facilita a ação divisória do dominador nas mesmas proporções em que dificulta a ação unificadora indispensável à prática libertadora (p. 172)

Já na perspectiva da liberdade, a questão angular reside no estabelecimento da união por meio da ação cultural, visto que esta é pré-condição para romper com a ideologia da opressão ao qual estão submetidos. E isto só é possível quando “os oprimidos, reconhecendo o porquê e o como de sua aderência, exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta”. Explicitando de outra forma: o homem toma a consciência de homem oprimido, rompe com a cultura do silêncio que o torna quase-coisas e chega à consciência de classe oprimida (FREIRE, 1987, p. 174). Isto materializa-se na Rede Abelha quando apicultor@s e meliponicultores passam a defender “a necessidade de reunir os iguais que viviam isolados, assegurando para os mesmos os mecanismos que os agrupam e os trazem até o Movimento. Ou quando eleva as idéias e sonhos isolados ao patamar de bandeiras coletivas a serem empunhadas nas lutas sociais.

Na verdade, quando a Rede realiza ações coletivas temos a explicação da adesão à práxis de libertação. Dentre as deficiências do processo produtivo vivenciado, percebe-se que a Rede Abelha estabeleceu como meta a conquista de infra-estrutura para beneficiamento dos produtos apícolas.

Ora, no momento em que, a Rede Abelha abriu negociação com o Governo Federal – Ministério do Trabalho e Emprego - Secretaria Nacional de Economia Solidária, formulou proposição, negociou e passou a entrar na agenda pública, temos a realização do ato de unir para libertar. Ou seja, ter infra-estrutura é um sonho para suprir uma carência. Quando esse sonho torna-se projeto e o projeto é negociado e aprovado. Então, temos que unir os apicultores para libertar da precariedade de processamento.

Nesse sentido, o papel do educador é fundamental, seja: para reunir os apicultores em um grupo, associação ou cooperativa; b) para saber quais os sonhos e deficiências que são encontrados no cotidiano pelos meliponicultores; c) para delimitar os assuntos, sistematizar as idéias, construir proposições com os apicultores e ajudar os apicultores a negociarem as suas proposições. Ou seja, elevar sonhos e idéias à formatação de proposição que venha de fato resolver as deficiências enfrentadas. E preciso libertar das amarras que estão no cotidiano. Muitas vezes essas amarras, embora estando no cotidiano, são de ordem macro que ditam como o local e as micros situações devem ser dominadas. A palavra de ordem é libertar para poder avançar.

c) Na **'organização'**, segundo Freire, emerge a crença nas massas populares. As massas colocadas em processo de desorganização, desorientação, acreditam num salvador, em um herói, geralmente estranho ao seu grupo. A dominação pode ser facilmente percebida nos atos de comercialização: muitos apicultores acreditam que grandes entrepostos irão viabilizar a mudança de sua vida. Só há mudança se essa for uma relação justa. A organização inverte essa situação e propicia a elas a crença em seu poder por meio da organização. É preciso que os pequenos e médios produtores da Rede Abelha acreditem e unam-se para conquistarem suas casas de mel e entre-postos. A Rede Abelha defende mel de qualidade para a população.

Ao educador da Rede Abelha cabe uma tarefa fundamental: buscar a sua unidade e, simultaneamente, organizá-la. É preciso construir a cada instante a unidade entre os membros da Rede Abelha e ao mesmo tempo procurar sempre manter vivo o melhor processo organizativo. Deve-se perceber que as lideranças da Rede Abelha não devem atuar de forma isolada, mas com o apoio e seguindo as orientações do coletivo.

Na **'síntese cultural'** as lideranças, desde que chegam ao mundo popular, não o fazem como invasores, mas procuram conhecer e integrar-se com o povo. É costumeiro nos eventos de apicultura relatos de que "essa ou aquela" instituição realizou prática de apicultura sem respeitar a cultura local. Esse é o tipo da ação induzida que é preciso que se rompa. É interessante trilhar na liberdade através do diálogo entre pares (militantes e famílias).

É importante que os educandos percebam que os agentes permanecem dentro da estrutura social de dominação, escravos do sistema que predomina no interior das fazendas, empresas ou na exclusão social. Nesses sistemas de dominação, os agentes permanecem, sem com isso perder seu poder perante as massas oprimidas. A dominação possui aí um caráter de ação induzida, "jamais podendo superar esse caráter, que lhe é fundamental". Na síntese cultural para a liberdade, a postura das lideranças "ainda que cheguem de outro mundo, chegam para conhecê-lo com o povo e não para 'ensinar' ou 'transmitir', ou 'entregar nada ao povo". (1978, p. 179).

Para promover a síntese cultural, a Rede Abelha, seus integrantes devem cultivar o ato do diálogo sobre o real, sobre o cotidiano de forma coletiva. Na medida em que gera-se o diálogo, gera-se a ação programática, a ação como síntese cultural. Daí porque a reivindicação é assumida pelo coletivo, pois não se trata de algo fabricado 'entre quatro paredes pela liderança', mas nasce e é organizado com a participação do coletivo. (SILVA, 2004).

A síntese cultural para Freire passa a existir dentro de ações novas entre os sujeitos: liderança e povo, identificados, criam juntos as pautas para sua ação. Uma e outro, na síntese, de certa forma renascem num saber e numa ação novos, que não apenas o saber e a ação da liderança, mas dela e do povo. Saber da cultura alienada que, implicando a ação transformadora, dará lugar à cultura que se desaliena (1987, p. 181).

Assim, o educador da Rede Abelha precisa ser um agente libertador, que organiza, realiza o ato de unir para libertar, faz a organização acontecer e promove a síntese cultural.

Nessa teoria dialógica os homens e mulheres atuam na ação orientada para a libertação e juntos constroem uma visão de mundo. A pedagogia assumida visa possibilitar a formação educativa dos sujeitos educandos em rede. Essa ação educativa busca a formação de sujeitos que integram grupos sociais de apicultores e meliponicultores, que possuem em comum a participação filiada na Rede Abelha. A ação educativa privilegiará portanto a formação dos sujeitos em rede, na Rede e para a Rede.

Na história da Rede Abelha verifica-se a existência de potencialidades: entidades da sociedade civil formando uma rede temática em Apicultura que vem desenvolvendo ações sociais, de produção, de geração de novos equipamentos, além de uma ação educativa em apicultura formadora de inúmeros grupos de produção (GRUPO COLMEIAS, 2004).

Esses aspectos demonstram haver uma relação entre as carências, as demandas, potencialidades locais e as proposições de formação da Rede Abelha. Mas, esse conjunto de

diretrizes para formar o educador libertador, na nossa compreensão passa pelo exercício de um método que ajude na sistematização do pensar, do fazer, do projetar. Um método é sempre um guia.

4.4. Quarto eixo: a formação requer um método

É preciso que a formação consiga dotar os educandos de um método. Nesse sentido Moacir Gadoti sintetiza os quatro passos do seu "Método".

1° - **Ler o mundo.** Paulo Freire insistiu a vida toda nesse conceito chave do seu pensamento. O primeiro passo do seu método de apropriação do conhecimento é a *leitura do mundo*. Aqui deve-se destacar a **curiosidade** como pré-condição do conhecimento (interesse, para Habermas). É o aprendiz que conhece palavras geradoras, temas geradores, complexos temáticos, codificação, decodificação. No seu último livro Paulo Freire insistia ainda na autonomia do aluno. Dos seus primeiros aos últimos escritos procurou dar dignidade ao aprendente, respeitando a identidade do aluno. Ele não humilhava ninguém, não considerava o educador superior ao educando. Para ele jamais um educador poderia ser arrogante. Nada menos freireano do que um educador arrogante, prepotente. Ele tinha raiva de intelectuais arrogantes, sobretudo de esquerda. Dizia que fazia parte da lógica da direita o intelectual ser arrogante, mas na esquerda era uma deformação.

2° **Compartilhar a leitura do mundo lido.** Não posso saber se minha leitura de mundo está correta a não ser que a compare com a leitura do mundo de outras pessoas. O **diálogo** não é apenas uma estratégia pedagógica. É um critério de verdade. A veracidade do meu ponto de vista, do meu olhar, depende do olhar do outro, da comunicação, da intercomunicação. Só o olhar do outro pode dar veracidade ao meu olhar. O *diálogo* com o outro não exclui o *conflito*. A verdade não nasce da conformação do meu olhar com o olhar do outro. Nasce do diálogo-conflito com o olhar do outro. O confronto de olhares é necessário para se chegar à verdade comum. Caso contrário a verdade a que se chega é ingênua, não crítica e criticizada. O outro sempre está presente na busca da verdade. Esse segundo passo leva à solidariedade. O meu conhecimento só é válido quando eu o compartilho com alguém. Novamente a comparação com o pensamento de Habermas, que Paulo Freire tanto admirava: a ação comunicativa é parte da busca do conhecimento. Não é um ato generoso de compreensão humana do outro. É uma necessidade ontológica e epistemológica.

3° **A Educação como ato de produção e de reconstrução do saber.** Conhecer não é acumular conhecimentos, informações ou dados. Conhecer implica mudança de atitudes, saber pensar e não apenas assimilar conteúdos escolares do saber chamado universal. Conhecer é estabelecer relações, dizia Piaget e Paulo Freire completava: saber é criar vínculos. O conteúdo torna-se forma. Paulo Freire foi combatido pelos conteudistas iluministas porque eles não chegaram a entender que, em educação, a forma é o conteúdo. Saber em educação é mudar de forma, criar a forma, formar-se. Educar-se é formar-se. Só muito recentemente os pedagogistas conseguiram entender essa nova visão da educação quando discutiram a educação do futuro, como no Relatório Jacques Delors da UNESCO (1998) onde ela está associada a quatro grandes **pilares**: aprender a aprender, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. Pela primeira vez perceberam os especialistas em educação que educar é criar

vínculos e não decorar conteúdos. Paulo Freire antecipou-se pelo menos 50 anos com o seu "Círculo de Cultura", criando uma metodologia prática que oferece as bases para a construção desses pilares e rompendo com a noção clássica de "aula".

4° A **Educação como prática da liberdade** (libertação). Até aqui creio que o construtivismo de Piaget também iria. Mas o *construtivismo crítico* de Paulo Freire foi além, afirmando a politicidade do conhecimento. É o momento da problematização, da existência pessoal e da sociedade, do futuro (utopia). Educação não é só ciência: é arte e práxis, ação-reflexão, conscientização e projeto. Como projeto a educação precisa *reinstalar a esperança*. Nada mais atual do que esse pensamento, numa época em que muitos educadores vivem alimentados mais pelo desencanto do que de esperança. (2001, p. 2-3)

Para operacionalizar o método, podemos apresentar uma **sistematização da construção do conhecimento. Vejamos.**

1ª - O que é conhecer? É construir categorias de pensamento, dizia Piaget. É ler o mundo e transformá-lo, dizia Freire. Conhecer é tudo isso – construção de categorias de pensamento, ler o mundo, transformar o mundo – mesmo porque não é possível construir categorias de pensamento como se elas existissem *a priori*, independentemente do sujeito que, ao conhecer, reconstrói o que conhece.

2ª - Como se conhecer? Só é possível conhecer quando se deseja, quando se quer, quando nos envolvemos profundamente no que apreendemos. No aprendizado, gostar é mais importante do que criar hábitos de estudo, por exemplo. Hoje se dá mais importância às metodologias da aprendizagem, às linguagens e às línguas, do que aos conteúdos. A transversalidade e a transdisciplinaridade do conhecimento é mais valorizada do que os conteúdos longitudinais do currículo clássico.

3ª O que conhecer? Frente à disseminação e à generalização do conhecimento é necessário que a escola e o professor, a professora, façam uma seleção crítica, pois há muito lixo e propaganda enganosa sendo veiculados. Não faltam, também na era da informação, encantadores da palavra para tirar algum proveito, seja econômico, seja religioso, seja ideológico.

4ª - Por que conhecer? Conhecer é importante porque a educação se funda no conhecimento e o conhecimento, na atividade humana. Para inovar é preciso conhecer. A atividade humana é intencional, não está separada de um projeto. Conhecer não é só adaptar-se ao mundo. É condição de sobrevivência do ser humano e da espécie, como diz Habermas.

5ª - Conhecimento e interesse. Antes de conhecer, o sujeito se interessa por (Habermas), é curioso (Freire), é esperançoso (Ernst Bloch). Daí a importância do trabalho de sedução do professor, da professora, frente ao aluno, à aluna. Daí a necessidade da motivação, do encantamento. É preciso mostrar que "aprender é gostoso, mas exige esforço", como dizia Paulo Freire no primeiro documento que encaminhou aos professores quando assumiu a Secretaria de Educação do Município de São Paulo.

6ª - Todos podem conhecer. Ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo. Todos nos educamos em comunhão (Freire).

7ª - Só é conhecimento válido o conhecimento compartilhado (Método Paulo Freire). (2001, p. 4 - 5).

E preciso que possamos pensar em um jeito de entender o ato de **ato de aprender**. Como diz Gadoti devemos fazer essa trilha para

“entendermos melhor o ato de ensinar. Para nós educadores não basta saber como se constrói o conhecimento. Nós precisamos dominar outros saberes da nossa difícil tarefa de ensinar. Precisamos saber o que é e, sobretudo, como aprender(...). Paulo, como educador, estava preocupado constantemente com o ato de aprender, de estudar, de ensinar. (2001, p. 6)

Nesse sentido, passamos a apresentar uma **sistemática do ato de aprender**:

1ª - Aprendemos a vida toda. Não há tempo próprio para aprender.

2ª - Aprender não é acumular conhecimentos. Aprendemos história, não para acumular conhecimentos, datas, informações, mas para saber como os seres humanos fizeram a história para fazermos história.

3ª - O importante é aprender a pensar (a realidade, não pensamentos), aprender a aprender.

4ª - É o sujeito que aprende através da sua experiência. Não é um coletivo que aprende.

5ª - Aprende-se o que é significativo para o projeto de vida da pessoa.

6ª - É preciso tempo para aprender e para sedimentar informações. Não dá para injetar dados e informações na cabeça de ninguém. Exige-se também disciplina e dedicação.

7ª - Aprende-se quando se tem um projeto de vida. (2001, p. 6 - 7)

A estudiosa do método de freireano, *Sonia Couto Souza Feitosa* manifesta que uma Teoria do Conhecimento é muito mais do que de uma metodologia de ensino, muito mais um método de aprender que um método de ensinar.

Feitosa, nos diz que em **termos de pressupostos do Método**, a proposta de Freire parte do Estudo da Realidade (fala do educando) e a Organização dos Dados (fala do educador). Explicita FEITOSA que:

“Nesse processo surgem os Temas Geradores, extraídos da problematização da prática de vida dos educandos. Os conteúdos de ensino são resultados de uma metodologia dialógica. Cada pessoa, cada grupo envolvido na ação pedagógica dispõe em si próprio, ainda que de forma rudimentar, dos conteúdos necessários dos quais se parte. O importante não é transmitir conteúdos específicos, mas despertar uma nova forma de relação com a experiência vivida. A transmissão de conteúdos estruturados fora do contexto social do educando é considerada "invasão cultural" ou "depósito de informações" porque não emerge do saber popular. Portanto, antes de qualquer coisa, é preciso conhecer o aluno. Conhecê-lo enquanto indivíduo inserido num contexto social de onde deverá sair o "conteúdo" a ser trabalhado”. (1999, p. 1-2)

É importante destacar que na literatura freireana o ato educativo assume a centralidade de compreender, de entender, de criação. A criação é uma evolução do processo educativo. No primeiro, o compreender e entender dá ao educando o poder de transmitir. No segundo, no ato de criar, o educando apodera-se do ato de ampliar a compreensão formatando novos processos.

Nesse sentido, FEITOSA enumera os **princípios do método** freiriano:

1º - Princípio: **a politicidade do ato educativo**.

A educação vista como construção e reconstrução contínua de significados de uma dada realidade prevê a ação do homem sobre essa realidade. (...) A visão ingênua que homens e mulheres têm da realidade faz deles escravos, na medida em que não sabendo que podem transformá-la, sujeitam-se a ela. Essa descrença na possibilidade de intervir na realidade em que vivem é alimentada pelas cartilhas e manuais escolares que colocam homens e mulheres como observadores e não como sujeitos dessa realidade. (1999, p. 2)

Feitosa apresenta que “o que existe de mais atual e inovador no Método Paulo Freire é a indissociação da construção dos processos de aprendizagem da leitura e da escrita do processo de politização”. Em nossos processos, o educando da Rede Abelha precisa sistematizar a ação vivenciada. Falar, olhar, escutar, pensar, escrever fazem parte de processo de sistematização da ação orientada para que possam agir e instalar a visão de mundo da Rede Abelha no cotidiano. E para tal, Feitosa chama a atenção da superação “da consciência ingênua” - também conhecida como consciência mágica - para a consciência crítica. Esse é um movimento constituído da observação-reflexão-readmiração como nos diz Feitosa. (1999, p.2)

2º - Segundo: **a dialogicidade do ato educativo.**

Para Freire, a base da pedagogia é o diálogo. A relação pedagógica necessita ser, acima de tudo, uma relação dialógica, realça Feitosa.

Essa premissa está presente no método em diferentes situações: entre educador e educando, entre educando e educador e o objeto do conhecimento, entre natureza e cultura.

A dialogicidade, para Paulo Freire, está ancorada no tripé **educador-educando-objeto do conhecimento**. A indissociabilidade entre essas três "categorias gnoseológicas" é um princípio presente no Método a partir da busca do conteúdo programático. O diálogo entre elas começa antes da situação pedagógica propriamente dita. A pesquisa do universo vocabular, das condições de vida dos educandos é um instrumento que aproxima educador-educando-objeto do conhecimento numa relação de justaposição, entendendo-se essa justaposição como atitude democrática, conscientizadora, libertadora, daí dialógica. (1999, p. 3)

Reflete Feitosa que a metodologia freireana busca provocar o debate articulando três aspectos fundamentais, vejamos:

promover o debate entre o homem, a natureza e a cultura, entre o homem e o trabalho, enfim entre o homem e o mundo em que vive, é uma metodologia dialógica e, como tal, prepara o homem para viver o seu tempo, com as contradições e os conflitos existentes, e conscientiza-o da necessidade de intervir nesse tempo presente para a construção e efetivação de um futuro melhor. (1999, p. 4)

Buscando apresentar melhor, Feitosa nos traz os vários momentos que integram a metodologia freireana. Vejamos:

1º Momento: **Investigação Temática** – onde pela pesquisa sociológica aterializa-se a investigação do universo vocabular e estudo dos modos de vida na localidade;

2º Momento: **Tematização**: seleção dos temas geradores e palavras geradoras.

3º Momento: **Problematização**: busca da superação da primeira visão ingênua por uma visão crítica, capaz de transformar o contexto vivido (1999, p. 5 – 6).

Em seu livro *Educação como Prática da Liberdade* Freire propõe a execução prática do Método em cinco fases, a saber:

1ª Fase: **levantamento do universo vocabular** dos grupos com quem se trabalhará. Essa fase se constitui num importante momento de pesquisa e conhecimento do grupo, aproximando educador e educando numa relação mais informal e portanto mais carregada de sentimentos e emoções. É igualmente importante para o contato mais aproximado com a linguagem, com os falares típicos do povo.

2ª Fase: **escolha das palavras selecionadas do universo vocabular pesquisado**. Como já afirmamos anteriormente, esta escolha deverá ser feita sob os critérios: a) da riqueza fonética; b) das dificuldades fonéticas, numa seqüência gradativa dessas dificuldades; c) do teor pragmático da palavra, ou seja, na pluralidade de engajamento da palavra numa dada realidade social, cultural, política etc...

3ª Fase: **criação de situações existenciais** típicas do grupo com quem se vai trabalhar. São situações desafiadoras, codificadas e carregadas de elementos que serão descodificados pelo grupo com a mediação do educador. São situações locais que discutidas abrem perspectivas para a análise de problemas regionais e nacionais.

4ª Fase: **Elaboração de fichas-roteiro** que auxiliem os coordenadores de debate no seu trabalho. São fichas que deverão servir como subsídios, mas sem uma prescrição rígida a seguir.

5ª Fase: **Elaboração de fichas com a decomposição das famílias fonéticas** correspondentes aos vocábulos geradores. Esse material poderá ser confeccionado na forma de slides, stripp-filmes (fotograma) ou cartazes. (p. 4.- 5)

Nessa trajetória de formação na Rede Abelha podemos vivenciar a sistematização do **Método Estudo da Realidade** na tentativa de formar educandos e fazer com esses tenham uma ação orientada e sistematizada. Podemos ainda tomar o método articulado pela Base de Pesquisa Educação e Movimentos Sociais – UFRN⁴. Vale destacar que essa Base de Pesquisa coordenada pela Profª Drª Marta Maria de Castanho Almeida Pernambuco, que atua com princípios freireanos, tem sido responsável por significativas produções acadêmicas visando à formação educativa com movimentos sociais no Brasil.

Esse método é denominado de Método Estudo da Realidade, visto busca a compreensão do real pelos sujeitos que fazem a ação. O mundo no qual receberá atuação do sujeito precisa ser decodificado pelo próprio sujeito. Assim, o exercício de decodificação, irá realizar a sistematização mental e de forma escrita do que conseguiu compreender. Ao fazer esse processo terá mais condições de realizar um agir consciente, orientado para atingir seus objetivos estratégicos e táticos. Trata-se de método ER que é conhecido internacionalmente, também tendo como base, Paulo Freire. Deve-se anunciar que sua prática conduz à formação da visão de mundo dos sujeitos envolvidos e pode ser aplicado em diversas realidades sociais. É um método que privilegia a vivência, o mundo vivido. Assim, privilegia a ação no mundo, mas para tal, o mundo é pensado, a ação é pensada. A

⁴ Roteiro elaborado a partir de material produzido pelo Grupo de Estudos e Práticas Educativas em Movimento – GEPEM, Departamento de Educação, UFRN, 2004.

compreensão oferece elementos para a ação orientada. Trata-se de uma ação orientada pelo olhar, por uma teoria, por uma reflexão do que foi feito.

O método ER organiza o pensamento e a ação. Para tal, está estruturado da seguinte maneira:

1º momento: O estudo da realidade.

Nesse momento, dá-se o estudo a partir das esferas da existência humana e sua inter-relação. Nesta é percebida: a) prática social; b) prática simbolizadora; c) prática produtiva.

2º momento: O registro da experiência

Nesse momento, a busca para compreender e agir frente à realidade passa por etapas: a) estudo da realidade intenções e experiências; b) organização do conhecimento; c) aplicação do conhecimento.

O Método Paulo Freire continua vivo e em evolução entre aqueles que trabalham com as suas idéias, mas reafirmamos a necessidade de recriação constante em toda e qualquer prática educativa, inclusive no método em questão.

Assim, o método é algo fundamental para a ação formadora em rede. Sem um método que possa ser assumido como guia, a formação deixa um vácuo imenso para um agir sem orientação.

4. 5. Quinto eixo: A formação do educador em rede

Na trajetória percebeu-se a necessidade da formação dos educandos acontecer em rede. A questão central é que a Rede necessitava de formar um coletivo de educadores cujo papel fundamental seria exercer atividades educativas no interior da Rede Abelha.

Nesse sentido, optou-se pela idéia da formação em rede, partindo da concepção de que tanto no ato de educar, como no de ser educado, existe a busca pela compreensão da realidade. Nesse sentido, precisamos cultivar uma perspectiva marcada pelos princípios que sustentam a prática de uma apicultura em rede. Portanto, não é apenas garantir a formação em rede, mas garantir uma apicultura em Rede.

Já podemos indicar que existe um núcleo teórico-metodológico que alimenta o processo de formação dos educandos e educadores que em suas práticas devem:

a) Gerar uma conduta

A formação dos educandos da Rede Abelha precisa privilegiar ações direcionadas para práticas coletivas. É claro, que as práticas individuais devem ser valorizadas. Em ambas, o educando tem que ser capaz de explicar o fato vivido. Faz-se necessário a compreensão do que Pierre Bourdier chamou de *habitus para que a conduta seja compreendida, guie a ação e seja instaurada*.

Pierre Bourdieu qualificou um *habitus* como

“aquilo que se deve supor para explicar o fato de que – sem ser propriamente racionais, isto é, sem organizar a sua conduta de modo a maximizar o rendimento dos meios de que dispõem, ou mais simplesmente, sem calcular, sem explicar seus fins e sem combinar explicitamente os meios de que dispõem

para atingí-los, em resumo, sem fazer combinações, planos, projetos – os agentes sociais são razoáveis, não são loucos (...) (2003, p. 87 - 8).

b) Compreender o espaço social:

Com esta citação queremos chamar a atenção para o fato de o *habitus* não ser redutível à dimensão racional da ação humana. O **ethos** que envolve o *habitus* Rede Abelha não se confunde com a ética, que é consciente e formalmente elaborada pelos intelectuais da Rede Abelha. O **ethos** existe no estado prático, na ação. Os esquemas do *habitus* são estruturas incorporadas, funcionando como operadores cognitivos que orientam a apreensão do espaço social e as classificações dos objetos do mundo social. (SILVA, 2004).

É fundamental também compreender-se que o *habitus* é produto da filiação social e se estrutura na sua articulação com o campo. O campo atua junto aos agentes, infiltrando subliminarmente em seus corpos, por meio de uma pedagogia que é capaz de dotá-lo de um tipo de olhar, de saber que lhe guia nas relações sociais.(SILVA, 2004).

A relação entre o *habitus* e o campo é antes de tudo uma relação de condicionamento: o campo estrutura o *habitus*, que é o produto da incorporação da necessidade imanente desse campo ou de um conjunto de campos mais ou menos concordantes – as discordâncias podemos estar no princípio de *habitus* divididos, ou até dilacerados. Mas é também uma relação de conhecimento ou de construção cognitiva: o *habitus* contribui para construir o campo como mundo significante, dotado de sentido e de valor, no qual vale a pena investir energia (...) A realidade social existe, por assim dizer, duas vezes, nas coisas e nos cérebros, nos corpos e nos *habitus*, no exterior e no interior dos agentes. E, quando o *habitus* entra em relação com o mundo social do qual ele é o produto, sente-se como um peixe dentro d'água e o mundo lhe parece natural (...); é porque ele me produziu, porque ele produziu as categorias que eu lhe aplico, que me parece natural, evidente. (BOURDIEU, 1992, p.102).

c) Vivenciar uma identidade

O *habitus* é uma estrutura estruturante, estruturada. Na Rede Abelha o *habitus* é algo que é construído pelo tipo de ação sem exploração, pelo jeito de agir fraterno, pela maneira de tratar as abelhas de forma carinhosa, de cuidar do meio ambiente. A convivência com essas práticas gera nas pessoas uma identidade. Essas pessoas são possuidoras de uma estrutura. Na medida em que essas pessoas conseguem realizar as práticas educativas, portanto, internalizaram uma maneira de fazer e o lançarem para outras pessoas as idéias desse tipo de fazer, então, estão externalizando. É estruturante, pois essa forma consegue ser absorvida e divulgada para novas pessoas. Na medida em que essas idéias passam a ser dominantes, entram na cultura, então temos a idéia de forma estruturada. Temos a vivência do *habitus*. (SILVA, 2004).

O educador precisa perceber qual o *habitus* existente no local ou na região quanto a apicultura e meliponicultura. Reconhecendo-o é capaz de lançar mão do que Paulo Freire chamou de problematização. Assim, ao lançar mão da pergunta: por que queimou as abelhas? Por que derrubou a mata? Por que poluiu o rio, a lagoa, o açude? Por que promoveu a queimada? Lançando a problematização e sistematizando as respostas, é possível haver uma mudança de *habitus* e instalar no ambiente uma nova forma de ver, de sentir, de agir na natureza.

d) Expressar uma simbolização no espaço

É importante compreender que a prática educativa possui o poder de promover a distinção entre indivíduos e grupos nos espaços. Mas, a prática educativa requer a simbolização para que a distinção seja materializada por todos que vivenciam a prática.

Assim, logomarcas, músicas, cores, gestos, são incorporados nos corpos que os reproduzem nos mais diversos ambientes. Esses devem ser vivenciados nos atos culturais, manifestações públicas, reuniões, encontros,... Não se trata apenas de identificar que esses precisam ser incorporados, mas devem especialmente os corpos expressar essa identidade da rede. Quando vivenciam a simbolização nas práticas educativas, estão revelando para si e para outros o que pensam, o que são, o que fazem, o que querem. Constituem-se como relevantes a utilização e sua propagação desses símbolos que revelam a representação social da Rede Abelha.

e) A incorporação de um habitus

É importante que se perceba que existe uma incorporação do mundo social pelos corpos. Ao agirem nessa incorporação, os sujeitos vivenciam o *habitus*. A Rede Abelha ao lançar o tema por uma alternativa produtiva, ecológica, justa e solidária está gerando matrizes teórico-metodológicas para serem vivenciadas por um corpo coletivo.

Corpo, não apenas por constituir-se de um coletivo de apicultores e meliponicultores, de ong's, de associações, intelectuais, mas por seguir um esquema mental, materializado no *habitus*. Isto é um *habitus* em rede. Esse *habitus* é expresso na forma de agir, de pensar, de fazer, – não bater caixa, não queimar enxames, não destruir as matas, ter carinho pelas diversas espécies de plantas,..., Nos espaços de formação – aulas, escola, assembléias, reuniões, seminários -, nos espaços de trabalho – roçados, canteiros de hortas, apiários, fábrica de confecção -, nos espaços de lazer – campo de futebol, ginásio de esporte, teatro -, nos espaços religiosos – templos evangélicos, romarias -, nos espaços de negociação - com aliados ou com opositores-. Os agentes da Rede Abelha recebem instruções padronizadas, tendo como base os princípios explícitos e implícitos. Assim, os integrantes da Rede Abelha vai manifestando nos diversos espaços sociais uma conduta seja diante dos seus pares, dos seus opositores ou da sociedade.

f) A formação de um nós coletivo na Rede Abelha

Nessa trajetória, por vivenciarem os aspectos anunciados, já percebemos nas ações educativas da Rede Abelha e do Grupo Colméias a vivência do NÓS coletivo no sentido freireano. Por que um nós? Podemos citar alguns elementos que justificam essa afirmação:

- a) A formação é procedida por um coletivo de educadores;
- b) O coletivo de educadores irá atuar para atender demandas do coletivo do qual faz parte;

- c) O educador foi escolhido graças as suas aptidões, reconhecidas por outros do grupo. O grupo indicou quem deveria ser o educador a ser formado em rede;
- d) A formação contempla aspectos que a Rede necessita refletir, assim a temática da formação é a temática expressa pelas demandas da Rede;
- e) Por ser interativa e integral, a formação busca partir da vida cotidiana, realizar seu confronto teórico e apresentar formas de agir no real concreto. A formação reúne elementos do apreender a realidade, do compreender a realidade e do fazer na realidade.
- f) Trata-se de uma formação que busca atender carências, sejam elas individuais ou coletivas;
- g) Na medida em que a formação acontece formam-se os educador@s, mas também aqueles que integram o campo da Rede Abelha. A formação acontece para o coletivo da Rede e não para atender demandas do indivíduo. O indivíduo forma-se no intuito de formar novos indivíduos;
- h) Esse processo de formação deve conduzir o educador e o educando a buscarem um pensar, um manifestar, um agir coletivo. Assim, teremos pela materialização da prática educativa na formação de um nós coletivo.

Esse Nós em Rede é capaz de materializar sonhos e desejos em bandeiras coletivas – lutas para conquista de projetos produtivos, projetos de formação, aquisição de instalações apícolas, a ampliação dos níveis de escolarização e de educação, vivência de articulação de forças sociais visando à implantação da Rede Abelha – verifica-se assim, a vivência de um *habitus*, pois as práticas formam novos indivíduos, novos grupos, instalando-se nestes, uma maneira de ver e agir no mundo, portanto, uma ação que é praticada sem ser sentida.

Essa maneira de ver e agir no mundo em rede é possível graças ao processo metodológico que assume-se como norteador do posicionamento dos sujeitos. A formação em Rede ajuda esse jeito metodológico – de entender, de compreender, de conduzir, de chamar a todos a posicionar-se – que é materializado em gestos e atitudes de forma individual ou coletiva. No entanto, ao agir individualmente ou coletivamente, esse sujeito o faz a partir de uma conduta que incorporou na Rede Abelha. Isto porque foi constituído entre os que vivenciam a Rede de um sistema mental que diz: “você deve agir conforme os princípios da Rede Abelha”. Esta é a conduta.

g) A instalação da conduta

Na vivência das práticas educativas da rede, os sujeitos incorporaram e externalizam as matrizes do sistema ao qual encontra-se filiado. Portanto, enquanto permanecer filiado, o sujeito será devoto ao campo, isto é, agindo individualmente ou coletivamente, visto que sua práxis é conformada por uma matriz que se sedimenta recheada por cultura, hábitos, identidade, representações. Nas práticas educativas os sujeitos incorporam e externalizam os princípios e as matrizes que fundamentam a presença e atuação do Grupo Colméias e da Rede Abelha em nossa sociedade.

4.6. Ações educativas e a produção de material didático na educação popular

Sem dúvida uma das marcas da ação educativa de caráter popular esta na participação dos sujeitos que são qualificados como seres ativos, construtores de produtos, articuladores de

experiências, propositivos. Na medida em que os eventos de formação foram se efetivando, foram sendo sistematizados um conjunto de materiais didáticos. Eles foram construídos com os educandos e só foram impressos, após serem testados pelos educandos.

Vejam o conjunto de material didático que fora produzido de forma coletiva, por tanto, valorizando a participação direta, enraizando a construção coletiva do conhecimento e fortalecendo a democracia, ou seja, gestando um jeito próprio de realizar a formação dos sujeitos e um jeito próprio de fomentar material educativo. Vejam os:

**Ações e produtos educativos gerados na ação da rede abelha.
Janeiro – março / 2005**

META	Etapa Fase	ESPECIFICAÇÃO
	1	Seminário PRODUTO DAS ABELHAS – participantes dos Estados do Nordeste – Natal – RN,
	2	FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM REDE;com 40 horas , 30 participantes, em João Câmara/RN
	3	FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM REDE;com 40 horas , 30 participantes, em Natal/RN
	4	FORMAÇÃO DE EDUCADORES EM REDE;com 40 horas , 30 participantes, em Lagoa Salgada/RN
	5	FORMAÇÃO DE APICUTORES EM REDE;com 24 horas , 21 participantes, em João Câmara/RN
	6	FORMAÇÃO DE EM APICUTORES REDE;com 24 horas , 21 participantes, em Lagoa Salgada/RN
	7	FORMAÇÃO DE EM APICUTORES REDE;com 24 horas , 21 participantes, em Lagoa de Velhos/RN
	8	FORMAÇÃO DE APICUTORES EM REDE;com 24 horas , 21 participantes, em João Câmara/RN
	9	FORMAÇÃO DE EM APICUTORES REDE;com 24 horas , 21 participantes, em Lagoa Salgada/RN
	10	DIFUSÃO DE TÉCNOLOGIAS APROPRIADAS AO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO, curso com 30 horas, 21 participantes em Maxaranguape-RN.
	11	DIFUSÃO DE TÉCNOLOGIAS APROPRIADAS AO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO, curso com 30 horas, 21 participantes em São Paulo-RN.
	12	DIFUSÃO DE TÉCNOLOGIAS APROPRIADAS AO SEMI-ÁRIDO

	NORDESTINO, curso com 30 horas, 21 participantes em Parazinho-RN.
13	DIFUSÃO DE TECNOLOGIAS APROPRIADAS AO SEMI-ÁRIDO NORDESTINO, curso com 30 horas, 21 participantes em São Gonçalo-RN.
14	SEMINÁRIO DE SISTEMATIZAÇÃO / PUBLICIZAÇÃO PRODUTOS DA REDE ABELHA , com 8 horas, 40 participantes pessoas da rede abelha e de entidades locais e de vários estados do NORDESTE, realizado em Natal/RN.
15	Confeção da cartilha popular APREDENDO COM AS ABELHAS, com os princípios da apicultura racional.
16	Confeção de CD-ROM didático APRENDENDO COM AS ABELHAS. CD INTERATIVO, software de leitura didática, com 400 megabytes de conteúdo/credito.
17	Confeção de vídeo didático REDE ABELHA: criação de abelhas, 15 minutos, vhs, confeccionados 30 cópias.
18	Coletânea de textos didáticos, PRINCÍPIOS BÁSICOS DA PRODUÇÃO APÍCOLA, 50 páginas.
19	Confeção de album seriado para aulas expositivas
	Confeção de folhinha com princípios ecológicos e práticas educativas

Concluindo: a prática educativa gera um bem querer

Podemos dizer que as práticas educativas que a Rede Abelha estão marcadas por um jeito de ser, de pensar, de agir do mundo.

Com certeza, olhando a trajetória desse movimento social já podemos conferir em sua caminhada uma maneira de repensar, de posicionar-se, representar-se e simbolizar-se no mundo.

Esse processo realizou a proeza de articular a formação educativa de educadores da rede abelha, com um processo novo de construir o material didático, realizado com base na sistematização e na validação das experiências dentro do processo de formação.

Como sujeito coletivo, constituído no seu interior por uma teia de grupos, associações, cooperativas, ong's, além de parceiros, possuidor de um corpo definido em sua hierarquia solidária, tem demonstrado vigor. Esse vigor é fundamental para o processo de diálogo com a esfera governamental, com instituições de fomento, e com os que estão fora ou dentro da cadeia produtiva.

A Rede Abelha vai realizando assim dois movimentos: a) construindo um maneira de ver, analisar e agir orientado no mundo; b) imprimindo no mundo uma maneira de olhar, um jeito de fazer, de posicionar. Ou seja, dois movimentos em um só. Vai instalando uma pedagogia em si e ao mesmo tempo que instala no mundo uma visão de mundo.

As práticas educativas na Rede Abelha está operando uma conduta, quer seja para os indivíduos, quer para grupos e a sociedade.

Por tudo e muito mais, dizemos que a formação do educador libertador na Rede Abelha é fundamental importância para que seja consolidada e amplie suas ações gerando sempre novos princípios que alimentam a vida.

A contínua vivência com esse tipo teórico-metodológico fundamenta a prática educativa gerando um bem querer que impulsiona a prática libertadora da Rede Abelha.

Rede Abelha: ALTERNATIVA PRODUTIVA, ECOLÓGICA, JUSTA E SOLIDÁRIA

Bibliografia

FEITOSA, Sonia Couto Souza. O método Paulo Freire. Princípios e práticas de uma concepção popular de educação". São Paulo, FE-USP, <http://www.paulofreire.org/>, FE-USP, 1999

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Paz e terra, 1987

_____. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

GADOTTI, Moacir. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: Um olhar sobre Paulo Freire – Universidade de Évora – Portugal, 19 a 23 de setembro/2001.

GRUPO DE ESTUDOS E PRÁTICAS EDUCATIVAS EM MOVIMENTO – GEPEM. Metodologia de estudo e caracterização das realidades locais. Natal, UFRN, Departamento de Educação, 2004.

SILVA, Paulo Roberto Palhano. MST, habitus e campo educacional. Natal, UFRN, 2004.